

A Derrapagem

Álvaro de Vasconcelos

Timor e o Kosovo têm destinos semelhantes. Ambos são protectorados de facto, onde a administração do território está confiada às Nações Unidas, em Timor transitoriamente, pois o direito á independência está desde o princípio assegurado. O Kosovo, porém, bate-se ainda pelo reconhecimento do direito á independência e a administração, de transitória, vai tendendo a eternizar-se. Ambos podem ser sucessos de uma Organização a que o sucesso faz tanta falta. Em ambos, no entanto, há um perigo real de derrapagem.

No Kosovo, aliás, a derrapagem começou já: chama-se sul da Sérvia, Macedónia e sectores radicais do UCK agindo dentro do território contra a minoria sérvia. Em Timor, vai-se descobrindo que nenhuma realidade pode conformar-se ao mito de uma sociedade sem contradições, feita só de homens bons e de heróis, a não ser os que, por terem servido o inimigo, renegaram esse mesmo mito.

A administração das Nações Unidas poderia provavelmente ser menos burocrática em Timor e deveria no Kosovo ter um mandato que correspondesse aos anseios de independência da esmagadora maioria da população, protegendo ao mesmo tempo os direitos das minorias. Em ambos os casos, porém, o futuro depende agora antes do mais do comportamento dos líderes políticos – e também das respectivas sociedades. Isto é particularmente verdade em relação aos timorenses, a quem as Nações Unidas irão, em breve, entregar o poder. E só um Timor democrático e respeitador dos direitos fundamentais, um país à altura do seu mito, continuará a ter o apoio internacional de que certamente necessitará.

Quanto ao Kosovo, as acções recentes de sectores radicais do UCK na Macedónia fragilizam a reivindicação da maioria albanesa do Kosovo aos olhos de sectores influentes da opinião pública internacional. Não podem as Nações Unidas ou as forças militares em que se sustentam opor-se à vontade política de timorenses e kosovares que maioritariamente se exprimirá nas urnas. Compreendê-lo desde já, apoiando-se nas forças políticas locais, significará mais facilmente isolar os sectores nacionalistas radicais que em ambos os casos são felizmente, ainda, minoritários, apesar da gravidade da acção do UCK na Macedónia e dos sinais de alerta que vêm de Timor.

Em Viena...

No dia em que foram conhecidos os resultados das eleições para a Câmara Municipal, podia comprovar-se que afinal de contas as sanções não tinham sido em vão nem contraproducentes, bem pelo contrário. Obrigaram Jörg Haider a abandonar formalmente a direcção do FPÖ e tornaram ainda mais ilegítimo o seu discurso xenófobo e anti-semita, o que lhe fez perder 7% dos votos. O teor racista da campanha de Haider de apoio ao candidato do seu partido nas municipais, com ataques aos judeus, aos estrangeiros que poderão um dia vir a trazer a insegurança que não existe, não impediu no entanto que 20% dos vienenses tivessem votado no FPÖ. Muitos austríacos continuam a ter dificuldade em lidar com o seu passado.

Velhos tiques em Washington

Tiques da guerra fria no número de diplomatas russos expulsos, cerca de 50, em resposta à descoberta de que um agente do FBI afinal trabalhava para Moscovo. E os mesmos no congelamento do apoio à reunificação coreana.

Tiques unilaterais no anúncio da não aplicação da convenção de Kioto sobre o

ambiente e os perigos resultantes do aquecimento do planeta. A gravidade da decisão, unanimemente condenada, vem obviamente do facto de os Estados Unidos, altamente industrializados, serem o maior produtor das emissões fatais. Uma das justificações dadas é reveladora: o facto de muitos países em desenvolvimento não terem aderido à convenção.

Tiques tradicionais no seguidismo em relação à escalada militar de Ariel Sharon contra a Autoridade Palestina e ao discurso de culpabilização dos palestinos e em particular de Yasser Arafat, directamente responsabilizado pelo terrorismo e pela violência, e vitimização dos israelitas. No Conselho de Segurança, a resolução que pretendia interpor observadores militares entre palestinos e israelitas contou, por ter a maioria requerida, com o veto americano.

Além dos tiques, um vazio de iniciativas que a União Europeia pode e deve ocupar, como fez, e bem, no caso das duas Coreias, mas não fez, e mal, no caso do conflito no Médio Oriente.